

Perola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

—* Assignaturas *

Semestre 250 reis
Com estampilha 300 reis
Avulso 30 reis
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Proprietario e Editor

Antonio Augusto Veiga

Composição e impressão—Typ. A. F. Vasconcellos, suc.
Rua de Sá Noronha, 51—PORTO

DIRECTOR—Francisco d'Oliveira Bello
DIRECTOR Charadístico—Manoel B. Silva
REDACTOR—Francisco d'Oliveira Gomes
ADMINISTRADOR—Manoel Alves Correia

«A PEROLA BRILHA»

Gratidão

E' um facto. O nosso jornal entrou no segundo anno da sua publicação.

A sua vida, embora curta, não tem sido interrompida pelo desprezo ou pelo alvoroço dos combates; antes *A Perola* sempre risonha, alegre, saltitante, leve como o esvoaçar da andorinha, graciosa como o desabrochar d'uma nevada camelia, tem adquirido as francas sympathias de todos, e despertado o mais leal interesse de muitos.

Isso, deve-se sem duvida, e aqui o registamos, á sensatez da sua distincta collaboração, á sinceridade e boa vontade do publico que tem amparado *A Perola* com verdadeiro amor esse amor que nasce espontaneo e unico em frente d'um correcto procedimento, de despretençioza e louvavel maneira de apresentação séria que é o prodigioso luzeiro, que vem guiando desde o seu nascer este nosso pequeno mas serio jornal.

O novo anno, pois, que co-

meçamos a encetar, será a continuação do caminho sensato que nos propuzemos seguir. Basta para a realização d'este nosso proposito, continuarmos a merecer o auxilio d'aquelles que, até hoje tem honrado as paginas de *A Perola* com as suas finas e agradaveis produções. E confiados n'elles, na benevolencia do estimado leitor, e ainda em nós, conjugados que sejam todos estes valiosos elementos com a honestidade votada á nossa grande paixão pelo jornal temos a certeza que *A Perola* caminhará, e caminhará sempre deslizando por entre sorrisos que nos embriagam e fortalecem, sorrisos que apontam a absoluta realização do nosso ideal.

Não podemos pois deixar de publicamente agradecer a todos os seus muito estimados collaboradores em especial, e em geral a todos aquelles que concorrem para a vida da *Perola*—e calorosamente saudamos todos os que d'alma e coração nos tem acompanhado.



NOITE DE VOLUPIA

Noite meiga, purpurea e deslumbrante
De linda primavera donairoza!
No ceu a lua voga palpitante;
Suspira a brisa tépida e mimosa.
O arroio perpassando delirante
Murmura n'uma voz mysteriosa;
E ao yaivem dos favonios perfumados
Trinam os rouxinoes entre os vallados.

Sobre uma relva cheia de frescura
Repoisam dois ingénuos namorados,
Contando seus amôres com ternura
Em languidos suspiros delicados.
Que juramento! Que afeição tão pura
N'aquelles corações apaixonados!
E os zéphiros passando sussurrantes
Vão levando os segredos dos amantes.

PEROLAS

As perolas que o mergulhador vae buscar ao seio dos mares e o artista engasta no ouro finamente burilado, tanto podem bordar diademas de rainhas como cercar o collo de mundanas celebres. Essas perolas que, atomo a atomo, levaram annos a formar; que com sacrificios e perigos foram alcançados, não temem no entanto senão o valor convencional que a sociedade argentaria lhes dá.

*
* *

Esta, que não guarnece diademas de rainhas, nem circunda seios de Messalinas; que não foi arrancada ao seio da natureza nem sacrificou vidas para a sua obtenção, precisou sómente do trabalho intelectual de artistas que lapidassem as suas paginas. E para tanto um anno só bastou...

*
* *

Completo no n.º passado a «Perola» um anno de existencia. Justo é que a mais modesta

das suas collaboradoras a felicite animando-a a presegui no seu bello intento, que, n'um meio tão avesso ás lettras, chega quasi a ser uma conquista.

Já Camillo—o mestre—dizia—que os seus romances arruinavam os editores...

Espinho, 4 fevereiro de 1910

Lina Castro.

O CARNAVAL VAREIRO

Bravo!...

O Carnaval em Ovar despiu este anno o seu trajo velho, esfarrapado, pelintra e samsaborão e vestiu-se de galas.

A mocidade vareira despertou na terça-feira de Entrudo do marasmo que ha annos a entorpecia, do lethargo em que ha longo tempo estava immersa e desencadeou-se sedenta de esturdia e de folia!

No domingo reinou ainda a insipidez do costume; imperou ainda a samsaboria dos annos anteriores.

E de quem a culpa?

D'alguns dos nossos rapazes

No céu empallidece a meiga lua
E brilham as lucíferas estrellas!
Que fragancias subtil nos ares fluctua!
Cantam com suavidade as philomelas!
E a amante apaixonada diz: sou tua...
Em palavras tão doces e singelas,
Que em extases d'amôr o namorado
Dá-lhe um beijo no rôsto delicado.

Que quadro tão formoso de poesia!...
As auras donairosas, palpitantes,
Vão serenas, com magica harmonia
Beijando os lindos rôstos dos amantes.
Tudo sôlta com branda melodia
Ternas canções ao Olympo inebriantes;
Que noite tão gentil que nos encanta
Onde tudo respira e tudo canta!

Porto

(Continua.)

Pinto Ferreira.

1398. Dagon a quantidade de cinco mil e setecentos e oitenta e oito que fica lançada no livro de inventário da cidade de Ovar, a 18 de março de 1910

Ante mim

SELLO DE VERBA

OVAR

que, n'uma indolencia, n'uma inercia que indignam e revoltam, preferiram na tarde de aquelle dia o ambiente viciado d'uma acanhada sala de jogo aos olhares feiticeiros, aos sorrisos cheios de meiguice das nossas lindas vareirinhas que em trajos garridos e caprichosos os aguardavam anciosas nas janelas e nas sacadas promptas para romper a lucta á primeira voz de fogo!

Mas o inimigo acobardou-se e as intrepidas combatentes tiveram de recolher a quartéis, victoriosas sim, mas tristes e desanimadas por não poderem revelar o seu denodo e valentia.

Na terça-feira, porém, a mocidade bohemica e folgazã encheu-se de brios e de coragem e n'um impulso digno de louvor marchou para a rua disposta a combater até ao ultimo cartucho.

O encontro então foi terrivel.

Ellas — as nossas destemidas e sympathicas patricias — sedentadas de lucta, atacavam denodadamente o inimigo que entrincheirado em carros bem equipados e municiados se defendia corajosa e galhardamente, obrigando-as por vezes a arvorarem bandeira branca e a confessarem-se vencidas á falta de munições!

Nas ruas da Graça, da Fonte e d'Arruela travaram-se combates renhidos; houve uma chuva constante de serpentinas, confetti e flores; jogou-se com verdadeiro entusiasmo, com verdadeiro *entrain*.

Onde, porém, a animação chegou ao seu auge, onde o entusiasmo attingiu algumas vezes o delirio foi á noite no Theatro Ovarense.

Estava annunciada para a noite de terça-feira, entre outros numeros, uma comedia original do nosso conterraneo Dias Simões, o poeta genial, o prosador distincto, o artista consummado, que tantas vezes nos tem deliciado o espirito com os seus versos delicados e harmoniosos, com o seu estylo brilhante e florido.

Mas a alegria, a expansão, o fervor e o entusiasmo com que todos n'aquella noite se divertiam fizeram (releve-o Dias Simões) com que muitos dos espectadores se esquecessem por momentos de que estavam a ouvir a sua prosa burilada.

A chuva incessante de flores e confettis, o adejar, o esfusiar continuo de serpentinas mal nos deixavam distinguir o palco onde alguns dos nossos mais distinctos amadores revelavam mais uma vez o seu talento scenico; mal nos deixavam distinguir as formosas vareirinhas que fortalecidas nos seus camarotes e com munições a cada passo reforçadas tentavam n'um pelear

sem treguas levar de vencida o inimigo teimoso e rebelde!

E ao fim d'uma lucta renhida e titannica conseguiram arvorar bandeira victoriosa; conseguiram que muitos dos combatentes, rapazes cheios de vida e de mocidade, se rendessem vencidos pelo fogo ardente, pelas setas certeiras e penetrantes que ellas despediam dos seus olhos — baterias tão poderosas que desmonoram os baluartes mais inexpugnaveis!

E n'essa noite inolvidavel, n'essa noite cheia de encantos e attractivos, quantos incendios não atearam essas baterias, quantos corações não ficaram trespassados por essas setas perfurantes?...

Manoel Ratazana.

IRMÃOS DA MISERICORDIA D'OVAR

O momento é solemne e grave. A eleição a que ides proceder da mesa da Misericordia decide da sorte d'esta benemerita instituição de beneficencia, da dos desvalidos d'Ovar, e até do futuro da nossa querida patria.

Se acertardes na escolha e os cavalheiros, aos quaes for conferido o honroso mandato, o acceptarem e tomarem a peito o desempenho do nobre encargo que lhes é confiado, a Misericordia, auspiciosamente iniciada, em breve attingirá as culminancias da maior prosperidade, os infortunados, torturados pela miseria e pela doença, verão dissipados ou mitigados os seus soffrimentos, e Ovar, encaminhada pela vereda do bem e da solidariedade humana, em pouco assumirá as proporções colossaes de grandeza pelos fulgores de belleza moral a ingraindarem e a sagrarem o seu progressivo e gigantesco desenvolvimento physico.

Porque povo, que aspira a grandeza material não se preoccupando com que a sua marcha victoriosa seja incessantemente acompanhada e cortada pelos lamentos angustiosos dos infelizes que a sua impotencia condemna a gemer no estertor da agonia desamparada, é povo destinado a ver em breve esvaír-se o seu sonho d'ambição na mais miseranda e ignominiosa decadencia e ruina.

Nem o vosso coração, repleto de nobres sentimentos, nem o vosso espirito que se alteia aos mais elevados pensamentos, consente que tão negregada sorte se apreste a Ovar, que estreameis como filhos queridos e por cuja grandeza, principalmente moral, almejaes com os mais vehementes anhelos. Para que

ella logre a estima, consideração e admiração de todos não regateareis esforços por maiores que elles sejam. E' agora ensejo opportuno de realisardes os éstos do vosso coração, os anseios do vosso espirito.

Sem preoccupações d'amizades pessoas ou de ligações politicas, elegei para a meza da Misericordia cavalheiros honestos, activos, de maduro e reflectido pensar e de notoria devoção e incondicional dedicação pelos infortunios alheios e havereis assentado a pedra fundamental do monumento de grandeza e gloria, perduravelmente erigido em honra vossa e da nossa querida terra.

E os cavalheiros, distinguidos com o voto dos seus confrades, acceptando e honrando com a sua boa vontade o nobilissimo encargo, serão os principaes fautores d'essa grandeza e gloria, transformando a aurora risonha da beneficencia que tem sorrido a Ovar no sol resplandecente que tudo illumina, inundando da mais suave ventura os desventurados que até agora teem agonizado no desconforto das torturas desamparadas e desherdadas. As benções, que obra tão meritoria provoca, os consagrarão á plena satisfação da sua consciencia, ditosa por tão bem se orientar pelos seus ditames, e á estima e veneração dos conterraneos, da humanidade, desvanecidos e ufanos por lograrem em seu seio quem tão bem comprehende a sua missão social.

A' urna, pois, com o santo proposito de darem ouvidos somente aos impulsos generosos do vosso coração e á inspiração sensata e meditada do vosso espirito independente e livre, que assim realisareis o acto mais honroso ao vosso caracter e mais fecundo em beneficios para Ovar.

Alcobaça, 10 de fevereiro de 1910.

Francisco Baptista Zagallo.

ACTUALIDADES

O theatro regorgita. Tudo ancioso de ver a nova artista labutar. Além de boa voz é um typo airoso — Um predicado a mais para agradar...

Sobe o pano. Aparece a linda estrella N'uma pose soberba e provocante Os dandys de monoculo cravam n'ella O atrevido olhar algo picante...

Nos camarotes, damas de bom tom Assestam o ridiculo lorgnon Murmuram entre dentes: "Não tem graça!",

E' despeito, não é por verem torto Lunetas taes que fazem rir um morto São afinal de authentica vidraça.

LINA DE CASTRO.

Chronica

E' quarta-feira, vespera de feriado. Não sabendo o que fazer, nem em que passar as 3 horas que ainda faltam para o jantar, resolvemos pegar da pena e escrever algumas linhas para a *Perola*. para os meus estimados leitores lerem quando o reparador somno da noite vos não queira visitar, pois que tenho a certeza que com a sua leitura elle ha-de entrar mesmo sem pedir licença, o que já bastante me satisfaz. Pelo menos para alguma coisa servirão. Mas agora reparo. Então venho rabiscar uma chronica, sem saber o que n'ella devo dizer? D'estas só a mim é que lembram! E agora antes que queira desistir, já não posso, porque já fiz a minha apresentação. Sempre tenho coisas... Como hei-de eu sahir desta camisa de onze varas? Mas que grande...

Parece que bateram as palmas. Sera já para jantar? Oh! seria uma grande coisa! Desculpava-me com o jantar e não escrevia a chronica. Mas não é, não pode ser. O jantar é ás 3 e são apenas 2 horas. Batem outra vez... Mas quem será? Vamos ver, não ha outro remedio, e talvez a pessoa que me procura me possa fornecer o assumpto para a chronica, livrando-me assim d'esta grande atrapalhão. Olha quem é!... O nosso velho amigo *Fadagaia*. Entra. Então o que te traz por cá? Já ha 8 dias que não apparecias. Mas que tens? Vens um pouco triste?

— Ora deixa-me.

— Mas o que é. Conta-me.

— Como sabes, estou no 4.º anno dos lyceus e sempre tenho estudado com vontade, e a prova está em não ter ainda... apanhado uma *gaita*, atalhamos nós.

Por cá *infelizmente* já se não dá o mesmo. Paciencia. Pois participo-te que ando desgostoso com o estudo.

— Mas porque? Que bicho te mordeu?

— Queres saber porque? Eu te digo:

Como tu sabes, eu não posuo fortuna. Se por aqui ando é devido aos trabalhos, ás cancelas que meu pobre pae soffre de sol a sol. E' pois com os lucros dos seus rudes trabalhos que eu aqui estou e por isso não posso fazer muitas despesas.

— Mas que tem isso com o estares agora desgostoso com o estudo?

— Espera; vamos devagar...

No primeiro anno que frequentei o lyceu gastei dez mil reis em livros. Esses livros serviam para os tres primeiros annos, o que bastante me alegrou, porque não tinha que fazer despesas em livros n'esses tres annos, o que representava para

meus paes um beneficio. Qual não foi porem a admiração quando no anno seguinte foram adoptados outros livros! Não tive outro remedio senão compra-los.

O anno passado o mesmo e este anno estamos já no principio da 2.^a epocha e só ha dias é que foram publicados os livros que este anno se devem usar! Se assim continuam ainda nos hão-de obrigar a comprar tres edições de livros, uma para a 1.^a epocha, outra para a 2.^a e outra para a 3.^a, até que não adoptem outros só para o exame. Ora isto não convem a quem anda estudando nas minhas condições, assim como a quem estuda, por que d'ahi advem uma dupla despesa e duplo trabalho, e é isto que me traz desgostoso.

—Lá isso é verdade. Mas o que queres tu que faça?

—Eu! Nada. Se te digo isto é porque és meu amigo, e sei que guardarás segredo de tudo.

—Obrigado pela deferencia. Olha, vem jantar commigo, por que já me estão chamando e depois fallaremos com mais vagar sobre este assumpto.

Aqui tem os meus leitores, se não estiverem já dormindo, como a visita d'este nosso amigo nos forneceu o assumpto para a minha humilde chronica. E eu dou razão ao rapaz, assim como creio que a tem da parte dos leitores. Com uma mudança tão successiva de livros, qual é o rapaz pobre que se atreve a ir tirar o curso dos lyceus? Nenhum! Bem, vou jantar porque a fome aperta, e ate outro dia.

Portalegre, 12-1 910.

J. da C.

Bella caçada

Zezinho, aquelle sympathico rapaz que, por signal, toca cornetim cá no nosso 25 é, como se sabe um perdidinho pela bella caça.

E' n'ella que o nosso Zezinho acompanhado do seu cão, o seu fiel Jaguané, emprega a maior parte dos seus ocios, porem, com muita pouca sorte porque nunca, ou muito raras vezes encontra para alvo do seu certo tiro uma boa peça de caça. Quando vê suspenso ao cinturão d'algum seu amigo qualquer magriço coelho, eil-o manifestando desde já o seu grande desgosto pela sua pouca sorte.

Não quer isto dizer, que o nosso Zezinho não seja um atirador exímio; isso não.

Temos a certeza que, mesmo voando o mais velozmente possível um simples chasco, o nosso bom caçador o mataria de prompto se tanto lhe aprouvesse.

Vêr o seu Jaguané correndo

veloz atraz d'uma lebre e... pum!... lebre de pernas ao ar e em seguida entre os dentes do seu cão, era para o nosso Zezinho um dos prazeres mais completos. Todos os seus amigos lhe conhecem o fraco mas muito principalmente o seu dilecto Martins que, indo ha tempos vêr se mataria meia duzia de gaios para uma arrozada (alli no Julio) succedeu-lhe ter a felicidade de matar uma boa lebre além dos gaios necessarios para a aludida arrazoda. Havel-a ás mãos, e lembrar-se logo de pregar boa partida ao Zezinho, tudo foi obra d'um momento.

Apenas chegou a casa, o Martins, foi logo com mil cautelas proceder á esfola da sua boa presa, conseguindo deixar-lhe a cabeça e pernas o mais intactas possível.

Feito isto, folha verde de vide e mais diversas trapalhadas serviram para encher de novo a pelle, dando-lhe o Martins a sua mais exacta forma primitiva. Com a assistencia do Martins, Zezinho e outros, corre á patuscada dos gaios o mais animadora que pode calcular-se. —Mas aquella lebre! exclama o Martins fazendo esforços para occultar o seu ardiloso intento. Maldita a hora em que consenti os cães na minha companhia!... Estava na cama; era só desfechar!...

Escusado será dizer que o Martins procurava por todas as formas convencer o Zezinho a que fosse de manhã cedo ao local que lhe indicou, afim de vêr se de novo a lebre lá estaria visto que, elle Martins, tinha certo compromisso que de todo o cohibia de lá voltar na manhã seguinte. O nosso bom Zezinho facilmente se deixou illudir pelas astutas palavras do Martins pois, todos conversavam e riam excepto elle que, acordado ainda, sonhava já na sua maior felicidade... que muito proxima anteavia.

O Martins esse, continuava no esforço de dissimular maliciosos sorrisos que a todos os instantes o invadiam.

A manhã rompia esplendente, e o nosso illudido caçador lá ia todo ufano de arma ao hombro cingido pelo cinturão bem provido de bom cartuchame. — Pareço um general, dizia elle lá com os seus cartuchos, orgulhoso da sua proxima victoria. Para não divergir da opinião do seu amigo, o nosso caçador não se fez acompanhar do seu cão. A lebre devia estar na cama, dissera-lhe o Martins. Pudera não!...

Eil-o no local desejado.

Em volta, ha um silencio quasi sepulchral pois, apenas é cortado aqui e alli por um ou outro passarito que, volitando de ramo em ramo solta trinaditos dos seus alegres cantares. Ao levantar transparece já uma linda

aureola pronuncio dum sol que, resplendente se aproxima.

Alguem por detraz dum outeiro, segue com a vista os movimentos do caçador; porém este, envolto na illusão de tornar em realidade os seus sonhos mais doirados, para mais nada dirige a sua attenção que não seja para o ponto que o seu amigo lhe indicou. Faz um gesto que significava completa satisfação.

Era ella, a lebre, que dormitando, lá se encontrava no ponto em que o seu maior amigo lhe dissera dever estar.

Nada mais havia a fazer que não fosse collocar a arma á cara e desfechar. Ouve-se um echo formidavel que parece abalar serras e montes e que vae ser repercutido numa estridente gargalhada do nosso Martins que outro não era o que aguardava os grandes acontecimentos por detraz do supracitado outeiro.

Zezinho, algo satisfeito, dirige-se para casa. — Aqui está isto para ser preparado para o jantar; é preciso que chegue para tres ou quatro, ordenou o nosso Zezinho. Dito isto sahio a contar aos seus amigos o seu grande successo. Approxima-se a hora do jantar e o seu maior amigo o seu indispensavel Martins não apparece. São já tres os convivas para o jantar, e o Martins que de sorriso a pullular-lhe nos labios se dirige ao grupo, vae completar o computo do Zezinho. — Ah! grande amigo! até que enfim temos lebre para o jantar!...

Isto dizia o Zezinho abraçando-se no seu dilecto Martins que apparentava contento por ir saborear a bella petisqueira. — Hurrah! rapaziada que o bom molho já cá cheira!... exclamou o Zezinho pulando de contentamento

Calculem agora qual foi a cara do Zezinho quando em vez da lebre com arroz, encontrou tres carapaus assados e para sobremeza o conteúdo da pseudalebre!

Barbas de Bagaço.

POSTAES MASCULINOS

Assim como o grito tem o eco, a flôr o aroma e a dôr o gemido, o amor tem o suspiro.

Domingos Carvalho.

Amar é conquistar de uma virgem bella, o mais doce beijo nascido do coração.

P. Ivo Damas.

A mulher solteira é um enigma, cuja decifração custa sempre a vida de um homem de bem.

Alberto Menoridade.

O homem que ama sinceramente uma mulher, jamais o seu coração poderá pertencer a outra, pois o primeiro amor é o unico que entra no coração e nunca mais acha a porta para sahir.

João F. Junior.

POSTAES FEMININOS

A' RITA CASSIA

O ciúme não é, como disseste, o testemunho do amor, é, sim, prova evidente de falta de confiança. Quem ama confia absolutamente; e onde existe confiança não predomina o ciúme.

Aurora Divina.

Meu coração é um sepulchro, onde estão sepultadas as esperanças de um amor infeliz.

—A saudade é uma flôr que exprime na côr as tristezas da ausencia, e no perfume a suavidade de um amor retribuido.

Maria Valle.

A verdade é uma barreira colossal collocada entre dois corpos, mas nunca dois corações.

Laurinda.

O amor é um sentimento tão doce, que faz desabrochar em noss'alma a bella flôr da esperanza.

Zelia Mattos.

A ingratidão é o sello com que se documenta o amor de duas almas que não se comprehendem.

Sempre-viva.

AGRADECIMENTO

A Ex.^{ma} Senhora D. Amelia Carvalho Almeida e familia, desejando agradecer a todos os collegas que por occasião do passamento de sua estremoza filha e nossa sempre lembrada collega que em vida se chamou Adelina Carvalho d'Almeida, lhes manifestaram o seu pesar, e na impossibilidade de o fazerem directamente por ignorarem nomes e moradas, pedem-nos, para aqui, protestarmos a todos a sua indelevel gratidão, e que já-mais esquecerão as palavras, aliás de justo louvor que consagraram á memoria de tão intelligente como sympathica collega, de saudoza recordação.

SECÇÃO CHARADISTICA

Correio sem sel'õ

Carta aberta ao Ex.^{mo} Director do «Seculo Supplemento».

(Retardada na redacção)

Ex.^{mo} Senhor:

Quando V. Ex.^a resolveu abrir no «Supplemento» a «secção charadistica» teve em vista proporcionar aos seus leitores esse divertimento, que tanto lhes distrae o espirito, e para premio de consolação creou um «quadro d'honra» para onde entrariam *aquelles* que mandassem maior numero de decifrações.

Pequeno premio é verdade, mas bastante para satisfazer a vaidade do, ou dos campeões, mas esse premio, apesar de pequeno, é negado áquelles a que teem direito, e é negado por uma forma iniqua, que dá logar a protestos e desanimos, porque nada desculpa o modo de pensar do douto Director da «secção charadistica» do «Supplemento» que, para que um só decifrador figure no quadro d'onra não tem duvida em preferir outros.

Isto não são afirmações gratuitas como posso provar, esperando que V. Ex.^a se digne providenciar para que terminem taes injustiças que nada tem a desculpa-las.

Ha tres individuos que designarei por A., B. e C. (superfluo será dizer que o signatario é um d'estes) combinaram trocar entre si as suas decifrações (isto é admissivel) e *todos elles* enviaram para o «Supplemento» o mesmo numero de decifrações e as mesmas decifrações, quer estivessem certas ou erradas. D'esta maneira quando os tres mandassem decifrações em numero superior a qualquer dos outros concorrentes, entrariam todos no «quadro d'honra».

Pois enganaram-se!

Logo no primeiro numero do «Supplemento», que se publicou, depois de resolvido o *bloco* se praticou a injustiça de se metter o A no «quadro d'honra», e

o B e o C na lista dos decifra- dores, mas ainda assim com n.º inferior ao A. Os dois lesados ficaram desanimados, e um d'elles abandonou incontinenti a ideia de continuar a dedicar se a esse Sport.

No entanto, ainda tiveram a ingenuidade de acreditar que essa eliminação de decifrações, fosse filha do mero accaso, mas logo no segundo n.º viram com grande surpresa, que no «quadro d'honra» vinha o B, e que o A e C nem ao menos tiveram a dita de ser incluídos na lista dos decifraadores!

Aqui poderá dizer V. Ex.^a «é porque as cartas não chegaram a esta redacção» mas eu protesto e grito: Entraram sim senhor!... pelo menos uma, e sabe V. Ex.^a porque? Porque no «Supplemento» do dia 27 vem uma charada, que foi dentro do envelope que levou as decifrações, que Deus haja!...

Finalmente, esperancados de que n'este n.º do dia 27 lhes fosse feita a justiça, esperaram, mas qual não foi o espanto, quando viram que no «quadro d'honra» vinha o A sózinho e triste!...

Como se explica isto, mandando os tres as mesmas decifrações e egual numero d'ellas?

Entenderá o douto Director da «secção» que no «quadro d'honra» só deve figurar um? Mas sendo assim para que pretere os outros em uma ou duas decifrações?

Se se disputasse um premio, e houvesse mais d'um decifrador com egual numero de decifrações, como resolveria o snr. director esse pleito?

Ora, como tudo n'este mundo é regido por leis, pode ser que o snr. director da «secção» procedendo assim, tambem obedeça a qualquer lei que eu desconheça, e n'esse caso desejaria muito conhece-la...

Se estas minhas justas considerações merecem a honroza attenção de V. Ex.^a espero que no proximo n.º do «Supplemento», V. Ex.^a se dignará mandar dizer o que fôr de justiça!

De V. Ex.^a muito grato

Republica.

Quadro de honra

ANAKIN

DECIFRAÇÕES DO N.º 27

1 Conderim, 2 maridança, 3 girovago, 4 Camanro, 5 canarim, 6 clavarrio, 7 peremptorio, 8 Samaria, 9 Remora, 10 Tuam, 11 Douto-doutor, 12 Bamba-bambã, 13 Peito-peita, 14 Pela-Alep, 15 Mil vezes obrigado.

Decifraadores:

Anakin os n.ºs 1, 2, 3, 5, 5, 7, 8, 9, 11, 14, 15 (total 11).
Becco & Viella—1, 2, 3, 6, 7, 9, 15 (total 7).
L. Lunga—3, 6, 7, 9, 15 (total 5).
Basting—1, 2, 5, 6, 7, 11, 14, 15 (total 8)

CHARADA EM VERSO

Ninguém ha que não conheça
O defeito na cabeça—1
Do pobre José do Monte.
A cara vae-lhe augmentando,—2
Par e passo semelhante
A carranca d'uma fonte.

Oscar d'Alvasil.

EM PHRASE

1 (a) Com esta prisão de ferro fica isto no sobrado bem unido—2—1.

2 Com a caixa das esmolas tira d'um lago um peixe espinhoso—2—1.

Barbas de Bagaço.

3 O problema é difficil, nenhum homem o resolverá, se não fôr o auxilio d'esta planta—3—1.

Joteba.

INVERTIDA POR LETRAS

4 Rainha de Caria—3.
5 Charadistas, voluntarios da patria! protejam esta terra de barbaria, que foi, é e será sempre no futuro theatro de grandes e desastrosos successos—8.

Raphael d'Altamira.

ELASTICAS

(á collega Aurelia Nogueira)

6 O Pedro salta bem porque é magro—2.

Judith.

7 Picante e corrosivo é o incredulo—2—3.

Pinheiro.

DUPLAS

8 Todo o individuo poderoso adorava esta divindade romana—2.

9 Este bandarilheiro é um pouco grosseiro—2.

Freidank.

10 E' bem pato quem fôr ao jogo—2.

Joteba.

BIFORME

11 Meu pae tem uma vasilha—2.

12 O homem come planta leguminosa—5.

Rosa Chá.

AFRICO-NOVISSIMA

(á minha collega Alice Noronha)

13 E' um homem illustre, digno o primo do Vicente—2—2.

Judith.

LOGOGRIPO

Um homem, com quem me dou,
—4, 7, 6, 5
E que mora na cidade,—1, 8, 5,
7, 6
Uma planta me offertou—3, 4, 1, 8
D'uma sua propriedade.—1, 4,
7, 2, 5
Em troca d'um tal presente,
P'ra mim de grande vantagem,
Mostrei-lhe por uma lente
Maravilhosa paisagem.

Oscar d'Alvasil.

LOGOGRIPO TELEGRAMMA

A féra foi morta junto
d'esta planta { 1, 2, 7, 8
5, 6, 3, 8
3, 4, 1, 8

M. Cristovam.

TYPOGRAPHICO

S 101
101 A

Sertor.

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OB AS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha

A PEROLA

Jornal litterario—Quinzenal

Anno 2.º • Sexta-feira, 18 de Fevereiro de 1910. • N.º (30)-28

Snr.